

CINEMA DE ARTE

promoção

★ organização

★ direção do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

c

c

b

27-3-65

CLUBE DE CINEMA DA BAHIA

"FORTALEZA ESCONDIDA"

["Kokusi-Toride no San-Akunin"]

Acervo Digital

FICHA TÉCNICA :

Realização	— Akira Kurosawa
Argumento	— Ryuso Kikushima, Hideo Oguni, Shinobu Hashimoto e Akira Kurosawa
Fotografia	— Ichio Yamasaki
Cenografia	— Yoshiro Muraki
Música	— Masaru Sato
Interpretação	— Toshiro Mifune, Misa Uehara, Minoru Chiaki, Susumu Fujita, Takashi Shimura
Produção	— Toho Films — 1959

Akira Kurosawa começou pela pintura: estudou na Escola de Belas-Artes de Tóquio, tendo descoberto o cinema quando viu um filme de Abel Gance, o antológico "La roue". Com esta revelação, aos vinte e seis anos (nascera em 22 de março de 1910), ingressa na "Toho" como assistente de realização e argumentista, devendo esperar até 1943 para dirigir o seu primeiro filme ("Sugata Sanshiro").

Ao contrário do que se poderia supor, em virtude de sua fama internacional provir dos filmes de samurais, de dramas históricos situados na idade média do Japão, toda a carreira inicial de Kurosawa fica muito mais ligada aos problemas sociais contemporâneos, sobretudo àqueles que coincidiram com a "democratização" do país ao tempo da ocupação americana. A crise moral do pós-guerra se refletiu-se numa trilogia composta por "Um domingo Maravilhoso", "Anjo embriagado" e "Cão raivoso", entre 1947 e 1949.

A atração pela vida moderna não seria abandonada mesmo depois que "Rashômon" conquistou o Leão de Ouro de Veneza em 1951 e reclamou a atenção do mundo para a qualidade e a quantidade do filme japonês. Se o êxito desse tema antigo contribuiu para imprimir uma nova face à obra de Kurosawa — face de os "Os Sete Samurais", "Fortaleza escondida", "Yojimbo" —, sua filmografia passou a ser dividida entre as velhas intrigas orientais, certas adaptações asiáticas da grande literatura européia ("Trono manchado de sangue", segundo o "Macbeth" de Shakespeare, "O idiota", de Dostoiévski), constantes indagações dos conflitos de nossa época ("Viver" e "O homem mau dorme bem").

Talvez por seu sentimento pessoal, e ainda pelo gosto das platéias, o cineasta mais ocidentalizado do Japão, Kurosawa jamais admitiu que fizesse filmes para o estrangeiro: "Eu nunca realizei uma fita para o espectador estranho ao meu país. Se o que faço pode comover o público japonês, eu, como um artista japonês, sinto-me desinteressado." ("The japanese film", de Joseph L. Andersen e Donald Rinhie, pgs. 376/377)

Deve ser, portanto, pela autenticidade nacional que Kurosawa realmente atinge o europeu e o americano, embora também seja

pelo brilho de sua forma, pelas invenções de linguagem, pelo perfeccionismo do estilo. Todos estarão sempre lembrados da floresta e do sol de "Rashomon", das noites de "Os sete samurais", dos conflitos de "Yojinbo". Aqui em "Fortaleza escondida", uma aventura mais do que uma história, Kurosawa se vale do som com a mesma grandeza da imagem: a fuga dos prisioneiros pela escadaria adquire quase natureza sinfônica pelo crescimento e declínio dos ruídos. E o duelo com as lanças, o mais original dos duelos, estará entre as inesquecíveis **mise-en-scènes** do cinema.

Embora democrata por ideologia, Kurosawa justifica bem o apelido de "Imperador" que os japoneses lhe deram, pela exigência técnica e artística de suas realizações.



PRÓXIMOS PROGRAMAS:

3 de abril — **"Rajadas de Paixão"**, de Alexander Singer

10 de abril — **"A Noite"**, de Michelangelo Antonioni

17 de abril — **"O Homem mau dorme bem"**, de Akira Kurosawa.

24 de abril — **"História de um amor"**, de Jean Valère